

Introdução: a origem de tudo entre nós

Este livro é resultado da minha dissertação de mestrado intitulada *Winnicott e a identidade feminina: uma análise histórico-crítica*, desenvolvida no Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano do Instituto de Psicologia da USP.

A escolha do tema de pesquisa foi motivada pela minha condição de “ser mulher” e pela escuta clínica, que tem me permitido adentrar no campo da dependência ou nas questões ligadas à MULHER (como representante da relação inicial de dependência do bebê à **cuidadora ou cuidador principal**) **em diversas situações**, tendo como instrumento de interlocução a teoria do desenvolvimento emocional de Donald Woods Winnicott (1896-1971).

A clínica psicanalítica pensada no modelo pulsional tal qual descrito por Freud nos leva a caminhos distintos aos de Winnicott, que pôde se atentar à questão da dependência, iluminando os impasses em ser confrontado e em confrontar o objeto (objetivamente percebido), no processo de estabelecimento da identidade. Adicionalmente, no contexto psicanalítico em geral, ao tratar o tema do “ser mulher” fala-se, sobretudo, em sexualidade feminina, feminino e feminilidade, em que a hegemonia do falo e do Complexo de Édipo são elementos norteadores.

Desta forma, neste livro, na direção de considerar o feminino como primordial, resalto de que maneira o pressuposto winnicottiano, construído a

partir do amálgama mãe-bebê e da sua importância para a constituição subjetiva de homens e mulheres, fornece uma tese da bissexualidade a partir da constituição da identidade, apoiada na existência de elementos femininos e masculinos puros na relação do bebê com a mãe-ambiente e a mãe-objeto, respectivamente.

Tendo em vista os conceitos gerais da teoria do desenvolvimento em Winnicott e seu quadro semântico próprio, nesse livro, me ocupo também em fazer a distinção entre a MULHER, a mulher, o elemento feminino puro e a identidade feminina¹ na obra do autor.

No primeiro capítulo me dedico aos principais textos de Freud sobre a teoria da sexualidade, que trataram direta ou indiretamente da questão do feminino e da mulher, permitindo uma análise histórico-crítica desses textos específicos e tendo como pano de fundo a apresentação das características gerais do período vitoriano, com ênfase no puritanismo e no controle da sexualidade.

Ressalto que o período vitoriano, entre outras características, evidenciou o aprisionamento da mulher na vida privada e sua condição de mantenedora da ordem patriarcal na figura da mãe. Essas condições, ligadas à posição da mulher na cultura, influenciaram a evolução do pensamento de Freud, incutindo a necessidade de entender o desenvolvimento psicosexual das mulheres, a partir de sua tese sobre a bissexualidade, posteriormente o complexo de castração e, finalmente, de forma complementar, a relação da menina com a mãe nas fases pré-edípicas.

1 Não se pretende fazer uma exegese da aplicação desses conceitos nas distintas teorias psicanalíticas, mas apenas uma contextualização geral sobre os desenvolvimentos introduzidos por Winnicott neste campo. O termo identidade é controverso em psicanálise; tem-se a preferência pelo termo identificação, presente no vocabulário freudiano. No entanto, mesmo a identificação assume diferentes significados na obra de Freud, como sugere Ribeiro (2000), mostrando que sua utilização também não é geral e precisa ser contextualizada (identificação na construção do narcisismo primário? Identificação na psicologia das massas?). Na obra de Winnicott, as palavras identidade, identitário ou identitária são utilizadas pelo próprio autor, bem como por comentaristas tais como Dias e Fulgêncio, e são peças importantes no corpo semântico-teórico porque se ligam à ideia de construção de uma unidade do sujeito psicológico, a partir das experiências de ser e continuar sendo nas diferentes modalidades de relação com o ambiente.

As discussões em torno do feminino entre Freud e seus primeiros interlocutores sobre o tema são tratadas no segundo capítulo, que analisa como alguns dos desenvolvimentos teórico-clínicos foram diretamente incorporados por Freud e como algumas outras contribuições (principalmente as de Abraham e outras que derivam de suas formulações) influenciaram trabalhos que marcaram a evolução da psicanálise para além de Freud, como a teoria de Klein, por exemplo, e os desenvolvimentos que marcaram as contribuições dos teóricos das relações de objeto, incluindo Winnicott².

O terceiro capítulo mostra como se deu a entrada de Winnicott na Sociedade Britânica de Psicanálise, apontando tanto para o cenário político contextualizado pelo período entreguerras e, principalmente, pela Guerra Fria, quanto para a disputa no campo psicanalítico entre Anna Freud e Melanie Klein. Esses aspectos foram determinantes para as formulações teórico-clínicas de Winnicott e levaram ao desenvolvimento de conceitos fundamentais de sua obra, destacando-se a ideia de mãe suficientemente boa e preocupação materna primária.

No quarto capítulo, a partir da apresentação geral da teoria do desenvolvimento emocional proposta por Winnicott e dos modelos de relação estabelecidos desde o início da vida entre bebê e ambiente (Fulgencio, 2020), apresento como se dá a construção da identidade feminina, por meio dos elementos feminino e masculino puros descritos pelo autor, e, na sequência, o assentamento da sexualidade feminina. Em relação à sexualidade, se evidenciará as influências teóricas nas posições de Winnicott advindas de: Freud e sua tese da bissexualidade; Klein e o reconhecimento da vagina como fonte de excitação desde as fases pré-genitais do desenvolvimento. Adicionalmente, serão observados os desenvolvimentos próprios do autor, principalmente ao

2 Há uma discussão sobre considerar ou não Winnicott um teórico das relações de objeto, dado que suas contribuições incluem, principalmente, os objetos subjetivos e transicionais, anteriores às relações de objeto propriamente ditas, que pressupõem a distinção entre eu e não-eu pelo bebê. Como esse não é o foco deste trabalho, Winnicott será mantido nesta citação para marcar sua herança, a partir das discussões iniciadas por Abraham, ao dar ênfase às relações primordiais com a mãe no desenvolvimento emocional. Para mais detalhes sobre o tema, consultar o trabalho de Décio Gurfinkel, *Relações de Objeto*, publicado em 2018 pela Editora Blucher.

reconhecer que a sexualidade feminina não é redutível ao Complexo de Édipo e à inveja do pênis.

No quinto capítulo, a partir de uma busca pormenorizada pelas referências que Winnicott faz à mulher e ao feminino, apresento os desenvolvimentos realizados a partir desses termos, apontando para o interesse crescente do autor em destrinchar as relações iniciais do bebê com o ambiente, a partir da ideia de lar comum e da função de maternagem. O foco na relação com a mãe levou Winnicott à base da identidade e à importância de olhar para as relações iniciais não apenas em termos de relações de objetos³ (elemento masculino puro), mas também pela ótica do ser (elemento feminino puro), as bases para o estabelecimento da identidade pessoal.

E finalmente, no sexto e último capítulo, apresento como a clínica de Winnicott foi afetada pelas formulações relacionadas à transmissão geracional do elemento feminino presente no lar comum, de forma que a identidade feminina, por um lado, se despontaria em estados de imaturidade, mostrando-se como a base identitária e do *self* para homens e mulheres; e, por outro lado, se mostraria também como efeito do percurso singular de atingir a experiência de ser mulher.

3 Objetivamente percebido.